

ENUNCIÇÃO E DISCURSIVIDADE EM ENUNCIADOS DO COTIDIANO

Mariângela PECCIOLI GALLI¹

- RESUMO: Este trabalho estuda as marcas de enunciação e discursividade no léxico de um conjunto de cartas de leitores nordestinos e sulistas, da revista *ISTO É/Senhor* (1988 e 1989).
- PALAVRAS-CHAVE: Discurso; enunciação; enunciado; enunciador; interdiscurso; locutor; polifonia.

1 A Constituição do corpus

Pretendemos, com este trabalho, realizar um estudo enunciativo da discursividade de alguns elementos do léxico de um conjunto de cartas, que foram publicadas na revista *ISTO É/Senhor* durante os últimos meses do ano de 1988 e os primeiros de 1989.

O problema principal se configura por uma discussão travada entre leitores do Nordeste e do Sul do Brasil intitulada "Guerra de Secessão", causada, fundamentalmente, pela publicação do artigo "Os Confederados são do Norte" (n.1003 do mesmo periódico): narra-se aí a questão dos investimentos isolados que o governo Sarney destinou ao Nordeste.

O léxico será considerado como ponto de partida para que se possa alcançar uma problematização ampla do processo enunciativo através de suas condições de produção. Para isso, três posicionamentos teóricos serão mobilizados:

- a teoria polifônica de Ducrot (1987);
- a concepção de enunciação de Guimarães (1989 e 1992);
- alguns aspectos do estudo de Maingueneau sobre a polêmica entre os discursos humanista devoto e jansenista (1983).

Façamos agora um breve relato de cada uma destas concepções, para, em seguida, especificarmos de que forma interferirão em nossa análise posterior.

¹ Pós-Graduada em Linguística – IEL (Instituto de Estudos da Linguagem) – Unicamp – Cidade Universitária "Zeferino Vaz" – 13100-000 – Campinas – SP.

1.1 A teoria polifônica de O. Ducrot

De maneira geral, Ducrot, em seu artigo “Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação”, retomando o conceito de Bakhtin, vai mostrar como, em um mesmo enunciado, se pode identificar mais de uma voz. Distinguirá, então, no enunciado, as marcas de sua enunciação.

Desse modo, a enunciação, que é definida como “o acontecimento constituído pelo aparecimento do enunciado” (1987, p.168), é um acontecimento que tem que ser necessariamente descrito a partir do modo de presença do sujeito em tal evento.

Distinguem-se, portanto, algumas formas de indicação do aparecimento do sujeito na enunciação: o locutor, o enunciador e o sujeito falante empírico, que se opõem da seguinte maneira:

- a) locutor/sujeito falante empírico;
- b) locutor/enunciador.

Com relação ao primeiro par, como o falante é uma categoria empírica e não uma categoria lingüística, o que realmente interessa para marcar o aparecimento do sujeito no acontecimento é a figura do locutor: aquele que o enunciado representa como responsável pelo dizer e pelo acontecimento da enunciação.

A figura do enunciador apresenta, por sua vez, a perspectiva de onde se diz, distinguindo-se, dessa forma, tanto do locutor quanto do sujeito falante. A polifonia ocorre, portanto, nos níveis do locutor e do enunciador: “... o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes” (Ducrot, 1987, p.193).

Estas seriam, portanto, as perspectivas do acontecimento da enunciação, isto é, as marcas que o enunciado traz em si de sua enunciação.

A redefinição deste quadro da polifonia em Ducrot tem um grande valor operacional, principalmente, para os trabalhos dos analistas do discurso, embora seja importante apontar, como descreve Guimarães (1989), que é necessário modificar a noção de histórico que aparece em Ducrot, pois está associada à temporalidade, à sucessão temporal: “A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois” (Idem, *ibid.*).

1.2 A concepção sócio-histórica da enunciação

E. Guimarães, em trabalhos recentes, tem realizado o esforço de assumir um conceito sócio-histórico da enunciação. Isso quer dizer que ela vem sendo compreendida como “um acontecimento de linguagem, perpassado pelo interdiscurso, que se dá como espaço de memória no acontecimento. É um acontecimento que se dá porque a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso” (Guimarães, 1989).

No caso específico dos enunciados de que estamos tratando, veremos que a questão do interdiscurso se configura a partir do que chamaremos de condição de "intercompreensão" constitutiva dos dois discursos verificados: o sulista e o nordestino.

1.3 Semântica da polêmica

A categoria da enunciação tem papel basilar nos trabalhos da análise do discurso de linha francesa, fundamentalmente, porque possibilita "a apreensão, no próprio interior do enunciado, da relação com sujeitos, situações, conjunturas" (Guillaumou & Maldidier, 1989, p.61).

Dentro desta perspectiva, vê-se que os enunciados de cada discurso têm um percurso que faz que carreguem a memória de outros discursos.

O estudo de Maingueneau sobre a polêmica entre os discursos humanista devoto (fim do século XVI e início do XVII) e jansenista (1640/1650) realiza um caminho como este, pois resgata-se no léxico dos dois discursos a memória de cada um: escolhem-se, basicamente, como alvo, lexemas que marcam uma preocupação constante nestes discursos – as concepções de Estado, da natureza, do corpo, do dinheiro, da família. O funcionamento da polêmica que se estabelece entre os dois discursos será considerado condição de possibilidade, como veremos adiante.

1.4 A localização do problema

Se, sobre o plano da língua, cada um dos protagonistas discursivos pode acreditar que "compreende" os enunciados do outro sobre o plano do discurso, isto não acontece já que, nesse plano, se exercem as restrições históricas irredutíveis. Cada um não faz mais do que traduzir os enunciados do outro em suas próprias categorias: as palavras circulam de um pólo de troca a outro, mas com as mesmas palavras não se fala seguramente das mesmas coisas. (Maingueneau, 1983, p.23)²

Partiremos, então, da noção que emerge do que propõe o autor no parágrafo que acabamos de citar, para localizar o problema. Acreditamos que ela seja condição de possibilidade dos dois discursos em questão: a formação discursiva nordestina e a sulista, isto é, o espaço discursivo configurado por estas duas formações discursivas é marcado por esta interincompreensão, que, conforme explicita o autor, é condição assumida pelas vozes/sujeitos do discurso para exercer a atividade polêmica; para ele, o espaço discursivo é uma noção regida pela polêmica, como veremos mais adiante.

2 Optamos por traduzir esta e outras citações do original em francês.

Como já dissemos anteriormente, consideraremos que o nosso problema pode ser delimitado dentro do léxico dos discursos, ou seja, a partir deste lugar, tentaremos verificar o funcionamento do processo de enunciação através da discursividade, isto é, por meio de suas marcas formais. Selecionamos os lexemas “nordeste”; “nordestino”; “sul”; “sulista” (e as palavras a eles associadas) como representantes destas marcas.

Basicamente, a ocorrência destes lexemas em estruturas sintático-enunciativas é identificadora de oposições que especificam o seu conteúdo ideológico. Resta-nos ver que efeitos de sentido isso produz.

Deste modo, pensando em termos das formações discursivas, podemos estabelecer o quadro no qual se compõe o jogo de representações. Pudemos perceber, a partir de certas regularidades, que existem dois discursos: o discurso nordestino e o sulista. Chamaremos, para efeito de análise, o primeiro de *A* e o segundo de *B*. Estes discursos, embora configurem uma oposição fortemente marcada no interior de seus enunciados, possuem um caráter essencialmente “dialógico” – mas não amigável –; isso conseqüentemente indica uma certa complementaridade reveladora da condição de interincompreensão que acabamos de tratar.

E, é a partir desta complementaridade, como veremos mais tarde, que emergirão os exemplos da heterogeneidade constitutiva destes dois discursos, isto é, a forma de indicá-los como produzidos desde vários lugares, cujas imagens são o resultado do cruzamento dos enunciados das duas formações discursivas anteriores.

Neste caso, poderíamos propor o seguinte esquema, que servirá de base para explicarmos e avaliarmos as regras deste processo de “conversão” de enunciados:

- | | |
|---|------------------------------|
| | na sua própria voz |
| a) o discurso nordestino (<i>A</i>) | na voz do outro (sulista) |
| | na sua própria voz |
| b) o discurso sulista (<i>B</i>) | na voz do outro (nordestino) |
| c) a intercompreensão como marca da interdiscursividade ou o discurso como um quarto de espelhos. | |

Vemos que aos lexemas que circulam nestes discursos são associadas qualificações favoráveis e desfavoráveis, que definirão sua direção e funcionamento. Antes, porém, façamos uma breve incursão à teoria que sustentará a presente análise.

2 Procedimentos de análise

Adotaremos a metodologia da Teoria Semântica da Enunciação e da Análise do Discurso para o trabalho da análise dos dados (ou fatos). Sabemos que isso implica

colocar em questão a concepção de vários fenômenos importantes. Em primeiro lugar, diríamos que a linguagem, dentro desta perspectiva, se coloca como base para o confronto, para a diferença. Possui, como a redefine Maingueneau (1989, p.12), uma dualidade radical, pois, "é a um só tempo integralmente formal e integralmente atravessada pelos embates subjetivos e sociais"; fato que se aproxima muito de um posicionamento semântico da enunciação que tenha em vista a historicidade. A formação discursiva ou o discurso então não pode ser considerada(o) como exterior aos processos histórico-ideológicos que a(o) constituem. É, como formula Maingueneau (1983, p.14): "Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram, em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa".

Em outras palavras, uma formação discursiva determina o que pode e deve ser dito a partir de uma posição (política e ideológica) em uma determinada conjuntura (cf. Pêcheux, 1975).

Neste sentido, pensando que uma conjuntura dada comporta mais de uma formação discursiva – o que configura o "universo discursivo", podemos introduzir as noções de "campo" e "espaço discursivo" (Maingueneau, 1983, p.116-7). O "campo discursivo" se define como um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência com outras formações, enquanto o "espaço discursivo" é um subconjunto do campo, no qual pelo menos duas formações mantêm uma relação de concorrência.

Para o nosso caso particular, o espaço discursivo se define pelo confronto entre formações discursivas nordestina (A) e sulista (B).

Portanto, como é nosso objetivo considerar o funcionamento enunciativo destes dois discursos por meio de suas marcas formais em conjunção com suas propriedades, não podemos deixar de definir a relação que estabelecem o sujeito e a situação – o espaço geográfico, o lugar social.

Como sabemos, Pêcheux (1969, in: Gadet & Hak, 1990, p.92), ao falar das condições de produção, coloca como constitutivas dessas condições as formações imaginárias. Segundo essas formações há, na linguagem, mecanismos que permitem projetar a situação objetiva dos componentes dessas condições em posições imaginárias no interior do discurso. Temos, então, vários jogos de imagens, segundo essas formações:

- IA (A) imagem que o locutor faz de si mesmo
- IA (B) imagem que o locutor faz do destinatário
- IA (R) imagem que o locutor faz do referente
- IB (B) imagem que o destinatário faz de si mesmo
- IB (A) imagem que o destinatário faz do locutor
- IB (R) imagem que o destinatário faz do referente

É preciso esclarecer que, embora estas posições se configurem aqui de uma forma dicotomizada, dentro do espaço discursivo, estas vozes/sujeito estabelecem uma alternância de papéis. Assim, em um espaço discursivo os sujeitos não ocupam lugares fixos, como reescreve Maingueneau (1983, p. 16) tratando do espaço discursivo polêmico, isto é, cada um dos protagonistas discursivos pode se encontrar ora na posição do "agente discursivo", ora na de "paciente". O autor ainda acrescenta que, o que a "posição" agente na realidade cita e transforma, seja anulando, seja desqualificando, não é o discurso efetivo de seu adversário (a "posição" paciente), "mas sim, um simulacro, construído como a sua própria negativa pelo discurso agente".

Desse modo, poderíamos dizer que no caso específico das formações discursivas que são objeto de nossa análise, verifica-se esta alternância de posições entre os sujeitos. Tal demarcação é o que possibilita a afirmação, que vimos fazendo até o momento, de que existe algo que se configura como "o discurso nordestino" e "o discurso sulista", sem esquecer, é claro, do discurso que surge do cruzamento dos enunciados destas duas formações. Mas vejamos na prática como as coisas se dão.

3 Análise do corpus

Buscaremos, nesta etapa do trabalho, verificar o funcionamento enunciativo da discursividade a partir de suas marcas formais. Para tanto, selecionamos alguns enunciados dos discursos A e B, nos quais a localização e a qualificação dos lexemas Nordeste(-ino)/Sul(-ista) evidenciam como se dá o jogo de representações. É preciso destacar que optamos não por realizar um levantamento exaustivo, e sim uma relação dos enunciados considerados exemplares para a presente discussão.

3.1 O discurso nordestino (A)

3.1.1 A na sua própria voz

Faremos, a seguir, a transcrição de uma série de enunciados extraídos de cartas de leitores nordestinos nos quais os lexemas recebem qualificações favoráveis e desfavoráveis. Em um primeiro momento, pode-se dizer que, dentro do recorte deste quadro discursivo, formula-se simultaneamente a construção de identidade ser nordestino/brasileiro:

a) (*ISTO É/Senhor* n.1005 – carta do Ceará) – "O Nordeste não recebe toneladas de dinheiro. Se o fizer não seria mais o quintal do Brasil, atrelado caudatariamente aos interesses sulistas, de quem é mercado cativo e para cuja pujança contribuiu largamente e continua."

b) (1006:BA)³ "... *este povo do Norte/Nordeste*, que tanta contribuição deu e tem dado para o desenvolvimento do Sul do país. Ninguém nunca moveu uma palha em favor deste povo".

c) (1010:PE) "*Erundina representa o povo do Nordeste do Brasil, não pelo seu bandoleirismo* a que o sr. Benetti levianamente se refere, mas sim pela *sua garra*, pela *sua humildade* (não confundir com submissão), pela sua honestidade e acima de tudo pela sua força de sair de um *Nordeste adverso* para ir defender a candidatura de *milhões de pobres brasileiros* ao cargo de *cidadãos*."

d) (1012:PE) "*Nós nordestinos itinerantes, que bandoleiramente* construímos a Paulicéia desvairada, temos o ditado perfeito para o sr. João Batista Benetti 'Os incomodados que se retirem'."

e) (1017:PB) "... *Discriminam o Nordeste, insultam os nordestinos, a região dos meninos, que desenvolvem o Sudeste. E são os cabras da peste, tachados de bandoleiros, que ergueram a Paulicéia, como abelhas na colméia, para abrigar estrangeiros ...*".

Para examinarmos estes enunciados do ponto de vista de quem está falando e, ainda, da posição que ocupa dentro do mecanismo discursivo, recorreremos ao conceito de *polifonia* desenvolvido por Ducrot e utilizado por Maingueneau (1989, p.76-8). Assim, como descrevemos anteriormente, "há polifonia quando é possível distinguir em uma enunciação dois tipos de personagens, os *enunciadores* e os *locutores*. O locutor, então, é compreendido como o ser responsável pelo seu enunciado. Enquanto o enunciador se apresenta como um desdobramento do locutor: '... São seres cujas vozes estão presentes na enunciação sem que lhes possa, entretanto, atribuir palavras precisas, efetivamente eles não falam, mas a enunciação permite expressar seu ponto de vista'".

Deste modo, se formos comparar estas duas entidades com as da ficção literária, diríamos que o locutor corresponde ao narrador, enquanto o enunciador é personagem.

Podemos verificar que, no caso do exemplo a,

não seria mais o quintal do Brasil"

"O Nordeste ...

é mercado cativo (do Sul)"

as formas verbais indicam através da voz do locutor a presença do enunciador, cujo papel é expressar as qualificações negativas/desfavoráveis que são atribuídas ao Nordeste.

³ Para facilitar o trabalho, indicaremos, a partir de agora, apenas o número da edição da revista em que figura a carta e o estado de sua procedência. Os grifos são nossos.

Além deste, os outros exemplos evidenciam que, segundo as condições de produção específicas deste discurso, os locutores nordestinos se colocam numa posição hierarquicamente inferior aos sulistas. O nordestino é sempre o humilde, o sofredor, o trabalhador, que “bandoleiramente” constrói o Sul.

3.1.2 A na voz do outro

f) (989:RJ) “... *O Nordeste é mercado cativo das indústrias do Sul*”.

g) (1008:SP) “... o leitor Paulo Caringi, do Rio de Janeiro, define bem a irresponsabilidade dos habitantes desta Piratininga, ao escolher para prefeita uma *nordestina itinerante*. Sr. Paulo, estamos cansados de ver nossa cidade invadida por *esses bandoleiros*”.

h) (1033:SP) “Quero destacar a *falta de sensibilidade* e o preconceito do leitor João Batista Benetti, ao chamar os *nordestinos da Capital de bandoleiros*, na edição n.1008 de *ISTO É/Senhor*. Eu moro no vale do Ribeira, *não tenho vínculos com nordestinos*, mas sei o quanto eles contribuíram para o crescimento e progresso de São Paulo, *conheço a fibra destes brasileiros. Somos filhos da mesma pátria ...*”

i) (1015:RJ) “É com sentida revolta que venho acompanhando as ‘batalhas’ da ‘Guerra de Secessão’. Não é preciso repisar aqui a *contribuição dos ‘bandoleiros’ nordestinos* para o desenvolvimento e progresso de outras regiões brasileiras, notadamente o Sudeste. ... pois como todos sabem o *Nordeste tem sido, há décadas, um mero fornecedor de matéria-prima e mão-de-obra barata*, das quais o Sudeste se locupleta avidamente.”

j) (1035:PR) “... *fiquei indignado* com a expressão utilizada pelo sr. Carlos de Souza (seção de cartas *ISTO É/Senhor* n.1033) *quando ele disse que o nordestino é um preguiçoso. ... todos nós somos seres humanos ...* Encontramos dentre eles (empregados das construtoras de São Paulo) muitos *nordestinos*, desvalorizados pelos paulistas que deveriam ser lhes gratos pela *grande metrópole construída*”.

A leitura deste conjunto de enunciados é representativa do jogo de posições que ocupam os locutores sulistas no quadro de seu discurso: ora agridem os nordestinos (exemplos f e g), ora os “defendem” (exemplos h, i e j). Embora fique patente entre os argumentos usados para a defesa que o nordestino tem de ser respeitado, pois “todos nós somos seres humanos” (k) ou, porque seja um trabalhador; os locutores sulistas dando voz a virtuais enunciadores escorregam em um sentido e oferecem pistas para que se perceba de outro modo a especificidade do funcionamento do discurso.

Notamos que o uso de expressões do tipo “não tenho vínculos com nordestinos” (h); “o Nordeste é um mero fornecedor de matéria-prima e mão-de-obra barata” (i) e ser “grato ao nordestino pela grande metrópole construída” (j) é revelador de posições que identificam o *nordestino* como o migrante que veio para o Sul como trabalhador barato e o *Nordeste* como o “mercado cativo do Sul”.

Portanto, exerce-se uma defesa aparente, que, em seus interstícios, propõe a mudança de direção do discurso para a posição do "agressor".

3.2 O discurso sulista (B)

3.2.1 B na sua própria voz

Passaremos a examinar no interior do espaço discursivo em que concorrem as duas formações enunciadas cujas marcas formais caracterizam a construção da identidade sulista/brasileira:

k) (1014:SP) "... enquanto o Sudeste e o Sul se livraram de vez do espectro dos coronéis e suas oligarquias ...".

l) (1022:RS) "... nós gaúchos, somos orgulhosos ... Desnecessário considero relacionar nomes ou episódios de meu Estado, que sempre teve como estandarte a sua tradição".

m) (1033:GO) "Sou goiano mas conheço o Brasil inteiro. Sei que o povo do Sudeste é industrializado e competente."

n) (1034:SP) "Senhores nordestinos, acho que não dá para concorrer: nós sulistas unidos ganhamos e ganharemos de vocês em qualquer debate."

o) (1035:PR) "Nós aqui do Sul temos símbolos nacionais."

Com base nas condições de produção do discurso sulista, podemos dizer que este se constrói a partir de marcas implícitas, que configuram uma oposição ao nordestino: dizer que o Sul tem tradição, bandeira, símbolos nacionais e competência é configuração de uma aversão ao Nordeste, que estaria separado e ao mesmo tempo historicamente subjugado ao Sul, de quem seria sempre o migrante incômodo e o trabalhador barato.

3.2.2 B na voz do outro

p) (1028:CE) "Mas aqui no Ceará, os grandes casos de corrupção, o do Banco do Estado do Ceará (BEC), por exemplo, foram comandados por homens sérios, mineiros e outros do Sul Maravilha."

q) (1032:PI) "Depois que a ratazana sulista acabou com brasileiras e brasileiros, desviando toda a grana, é que vêm dizer que é por obra e graça do nordestino."

r) (1032:BA) "A locomotiva que ali (charge Sampaolo publicada em Zero Hora, 7.4.1989) aparece deveria ter como cargas as incontáveis pepitas de ouro retiradas de Serra Pelada para os cofres dos bancos sulistas, os quais financiaram o tão afamado progresso daquela região."

s) (1010:PE) "*É fato tomado como verdade absoluta no Sul que o Nordeste é um peso para o Brasil.*"

t) (1022:PB) "*Mas a carta do sr. Telmo (ISTO É/Senhor n.1015) é preciosa, ela revela mais um adepto da discriminação que, em certos meios menos cultos do Sudeste e do Sul, se dissemina contra os nordestinos.*"

u) (1005:CE) "*Lamentavelmente, consciente ou inconsciente, predominam no Sul Maravilha impressões faciosas (sic...).*"

Um dos mecanismos discursivos que compõe este tipo de discurso é o uso freqüente de ações, isto é, faz-se referências às qualificações desfavoráveis que os nordestinos atribuem aos sulistas através do emprego de atos verbais aos quais os lexemas Sul/Sudeste e sulista estão associados:

p) (No Ceará) "*Os grandes casos de corrupção ... foram comandados por homens sérios, mineiros e outros do Sul Maravilha*"; ou,

q) "*A ratazana sulista acabou com brasileiras e brasileiros...*"

O uso de formas verbais como "estar", aliado às qualificações que são atribuídas aos sujeitos que as realizam, configura a constituição do jogo de imagens que aqui se instala: o sulista na voz do nordestino se apresentará como aquele que ocupa a posição do explorador, que rouba e corrompe o Nordeste; enquanto, como já dissemos, o nordestino, na voz do sulista, é o "desterrado", o migrante incômodo.

3.3 A interincompreensão como marca da interdiscursividade ou o discurso como um quarto de espelhos

Expusemos, até aqui, alguns mecanismos que são próprios do funcionamento dos dois discursos: a atribuição de qualificações favoráveis e desfavoráveis a lexemas específicos que neles circulam, bem como o jogo de imagens constituído a partir daí.

Como havíamos proposto inicialmente, e pudemos verificar pela análise, os discursos nordestino e sulista configuram uma oposição que aparece fortemente marcada no interior de seus enunciados. Mas este fato não faz que os sentidos se cristalizem e se localizem apenas em regiões demarcadas.

Propusemos que os dois discursos possuem um caráter "dialógico", indicador de uma certa complementaridade entre ambos. Isto funciona como uma marca da interincompreensão que se estabelece entre os protagonistas dos dois discursos. A partir desta marca, se colocam as condições de produção do terceiro, isto é, veremos que com as mesmas palavras não se fala das mesmas coisas.

Deste modo, podemos alcançar a imagem do discurso como um quarto de espelhos: o lugar onde os sentidos se difundem, se disputam, se diluem. Cabe-nos verificar, dentro deste jogo de representações, quais as posições mais relevantes: se as de espelhos ou se as de imagens sujeitos. Tentemos ver como isso acontece.

Tomando como ponto de partida a localização e qualificação dos lexemas nos discursos nordestino e sulista, percebemos que, quando o primeiro (A) circunscreve a sua posição de defesa, define um espaço de ilusão referencial, pois, embora os locutores nordestinos argumentem em favor de sua identidade, dão voz a enunciadores sulistas em seu discurso. Este processo se define em duas direções:

3.3.1 Lexemas + associações desfavoráveis

Neste momento a interincompreensão se dá na medida em que o nordestino tem a ilusão de se defender das palavras do discurso sulista, mas o que faz é produzir deste lugar a enunciação das qualidades negativas que lhe são atribuídas:

não seria mais o quintal do Brasil

(1005:CE) "O Nordeste

é mercado cativo do Sul

(1010:PE) "É fato tomado como verdade absoluta no Sul que o Nordeste é um peso para o Brasil."

(1010:PE) "Com relação às cartas dos senhores Paulo Caringi e João Batista Benetti (*ISTO É/Senhor*, n.1004 e 1008, respectivamente), não nos estranhou a forma nazi-fascista com a qual estes senhores se referiram ao povo do Nordeste do Brasil, pois apesar de sermos a energia que move a 'locomotiva', já estamos acostumados a este tratamento."

(1041:PI) "Reconheço, como nordestino, o nosso atraso em relação ao Sul ..."

3.3.2 Lexemas + associações favoráveis

Dentro do confronto ideológico traçado entre as formações discursivas nordestina e sulista, esboça-se mais uma forma de defesa dos últimos. Desta vez, os nordestinos se defendem de toda a inferioridade com que lhes julgam os sulistas, com base na descrição de sua "competência":

(1018:CE) "A primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras era também cabeça-chata. O primeiro edifício de apartamentos foi construído por um cearense, assim como o primeiro sistema crediário do Rio.

O único brasileiro que até hoje ocupou a chefia dos três poderes foi um nordestino, Epitácio Pessoa, Paraíba ...

Sabem como se chama isso? *Competência.*"

(1021:CE) "Será que você já ouviu falar em Rui Barbosa, Padre Cícero, Castro Alves, Clovis Beviláqua, Bezerra de Menezes, Capistrano de Abreu, Marquês de Olinda, Visconde do Rio Branco, Rachel de Queiróz, Dorival Caymmi, José de Alencar,

Jorge Amado, Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira, Patativa do Assaré, Chico Anísio, Fagner, Belchior, Ednardo, Gilberto Gil, Dominginhos, Caetano Veloso, Pepeu Gomes, José Wilker ... Trio Elétrico, Dodô e Osmar e tantos outros.”

(1023:PE) “Presidentes nordestinos efetivos existiram apenas dois: Epiácio Pessoa e Castelo Branco. O primeiro, o único na história republicana com o tutano para colocar ministros civis em pastas militares. O segundo, apenas um udeno-moralista, mas estadista de porte mundial se comparado com os gauchíssimos Costa e Silva e Médici.”

(1026:CE) “Apesar de ser tão criticado, o Nordeste está mostrando do que é capaz: temos hoje um presidente da Câmara Federal, o melhor humorista do Brasil, Chico Anísio, juntamente com Renato Aragão, e um campeão brasileiro de futebol, o Esporte Clube Bahia.”

(1044:DF) “Nós do Nordeste ... somos governo estadual em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Tocantins e em todo nosso nordeste. Ainda somos governo municipal do maior parque industrial da América Latina ...”

O quadro de enunciados que acabamos de esboçar revela como a interincompreensão pode ser marca da interdiscursividade: com as mesmas palavras não se fala das mesmas coisas.

Portanto, a análise das formações discursivas nordestina e sulista mostra como se dá o jogo de representações. Através da interincompreensão, marcam-se nos enunciados as oposições características dos jogos de posições que ocupam os locutores em seus discursos. Quarto de espelhos, no qual cada um vê o outro como reflexos distorcidos de si próprio.

GALLI, M. P. Enunciation and discursiveness in everyday utterances. *Alfa (São Paulo)*, v.39, p.131-143, 1995.

■ **ABSTRACT:** *This paper briefly studies the enunciation and the discursiveness marks in the lexicon of a group of letters which was produced by northeastern and southeastern readers of the Brazilian magazine ISTO É/ Senhor in 1988 and 1989.*

■ **KEYWORDS:** *Discourse; enunciation; enunciator; “interdiscourse”; speaker; poliphony.*

Referências bibliográficas

- 1 DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- 2 GUILLAUMOU, J., MALDIDIER, D. Da enunciação ao acontecimento discursivo. In: GUIMARÃES, E. (Org.) *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

- 3 GUIMARÃES, E. Da enunciação ao acontecimento discursivo em análise do discurso e enunciação e história. In: GUIMARÃES, E. (Org.) *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.
- 4 MAINGUENEAU, D. *Sémantique de la polémique*. Lausanne: Éditions L'Age d'Homme, 1983.
- 5 ORLANDI, E. P. (Org.) *O discurso fundador*. Campinas: Pontes, 1992.
- 6 PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- 7 _____. In: GADET, F., HAK, T. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.